

CRIAÇÃO, ENCARNAÇÃO, REDENÇÃO: TRÊS FACES DE UM MESMO MISTÉRIO: A PLEROMIZAÇÃO

(Seleção de textos sobre o tema «Criação, Encarnação, Redenção», que constituem o capítulo sob esta designação na obra de colectânea temática de textos de Teilhard de Chardin, editada no espaço francófono com o título "Je m'explique", da autoria de Jean-Pierre Demoulin, e, em português, com o título "Em outras palavras", ed. Martins Fontes, S. Paulo, Brasil. As anotações entre parêntesis no final das citações, com T. ..., referem-se ao nº do tomo e respectiva página das Obras Completas de Teilhard de Chardin)

Criação, Encarnação, Redenção. Até aqui esses três mistérios fundamentais da fé cristã, indissoluvelmente ligados, de fato, na história do mundo, permaneciam de direito independentes um do outro para a razão. Deus podia, ao que parece, sem nenhuma espécie de restrição, viver sem o Universo. Podia criar sem encarnar. A Encarnação, por sua vez, podia não ser nem laboriosa nem sofrida. - Transposta do Cosmos antigo (estático e, a cada instante, passível de rearranjos) para o universo moderno (organicamente ligado por seu Espaço-tempo num único bloco evolutivo [o que a Metafísica da União traduz])¹, os três mesmos mistérios tendem a formar nela não mais do que um. Sem criação, em primeiro lugar, parece que alguma coisa faltaria absolutamente a Deus considerado na plenitude, não de seu ser, mas de seu ato de união. Assim, criar, para Deus, é por definição unir-se à sua obra, ou seja, integrar-se de um modo ou de outro ao Mundo por encarnação. Ora, "encarnar-se" acaso não é *ipso facto* participar dos sofrimentos e dos males inerentes ao Múltiplo que está penosamente em processo de reunião? Criação, Encarnação, Redenção: vistos a essa luz, os três mistérios se tornam, na verdade, nada menos do que as três faces de um mesmo processo de fundo, de um quarto mistério (o único absolutamente justificável e válido em si mesmo, no final das contas, aos olhos do pensamento), ao qual conviria, para distingui-lo explicitamente dos três outros, dar um nome: o Mistério da União Criadora do Mundo em Deus, ou Pleromização. (T. X, pp. 212-3)

E, simultaneamente, é uma Cristologia renovada que se revela como eixo, não apenas histórico ou jurídico mas estrutural, de toda a Teologia. Entre o Verbo, de um lado, e o Homem-Jesus, de outro, uma espécie de "terceira natureza" crística (se ousar dizer!...) se delinea - ela

está disseminada em todos os escritos de São Paulo: a do Cristo total e totalizante, no qual, pelo efeito transformador da Ressurreição, o elemento individual humano nascido de Maria é elevado não apenas ao estado de Elemento (ou de Meio, ou de Curvatura) cósmico mas de centro psíquico último de concentração universal. (T. XI, pp. 213-4)

Nessa perspectiva dinâmica (exprimindo que a criação se apresenta essencialmente a nós sob forma evolutiva), é interessante notar que o mesmo processo fundamental pode se chamar Criação, Encarnação ou Redenção, conforme o lado pelo qual o olhamos:

a) Criação, na medida em que os "eu" secundários (humanos) se constituem sob a atração do Eu Divino.

b) Encarnação, na medida em que, se produzindo por unificação, o Eu Divino é levado a "mergulhar" em sua obra, na razão mesma de sua operação.

c) Redenção, na medida em que o criado, seja qual for o ponto em que o consideremos em curso de unificação, apresenta uma parte de desorganização (atual ou virtual) que define o Mal sob todas as suas formas. Num sentido, se criar é unificar (evolutivamente, gradualmente), Deus não pode criar sem que o mal apareça como uma sombra - Mal a ser compensado e superado. Isso não significa uma limitação do poder de Deus, mas a expressão de uma lei de natureza, ontológica, contra a qual seria absurdo supor que Deus pudesse ir.

N.B. Isso, seja dito de passagem, amplia singularmente, sem falseá-lo, o "sentido da Cruz". A Cruz é o símbolo e o gesto do Cristo erguendo o Mundo com todo o seu fardo de inércia, mas também de travessia e conquista. A criação é da categoria de um "esforço".

Disso resulta que, consideradas em seu sentido pleno, Criação, Encarnação, Redenção não são fatos localizáveis num ponto determinado do tempo e do espaço, mas verdadeiras dimensões do Mundo.

Não é menos verdade que todas as três podem se traduzir por fatos particulares expressivos, tais como: o surgimento do tipo humano (Criação), o nascimento do Cristo (Encarnação), sua morte (Redenção). Mas esses fatos são apenas a expressão privilegiada de processos de dimensões "cósmicas". (T.X, pp. 156-7)

O Padre Gustave Martelet ressaltou muito bem um dos mais importantes aspectos da cristologia de Teilhard que diz respeito ao nosso acesso ao próprio Deus, que ele chama de "a nova face de Deus".

A nova face de Deus

Todos nós temos necessidade de uma nova face de Deus para adorar, e essa face, estou cada vez mais convencido, só pode aparecer para nós através e para além de um "ultra-humano". (Carta de 31 de março de 1950, *Accomplir l'Homme*, Grasset, 1968, p. 156)

Sob o próprio efeito da operação unitiva que o revela a nós, Deus, de algum modo, "se transforma" ao nos incorporar. - Assim, não mais simplesmente vê-Lo e deixar-se envolver por Ele mas *pari passu* (senão em primeiro lugar) descobri-lo (ou mesmo, num certo sentido, "realizá-lo") cada vez mais profundamente: são esses, hoje, parece-me, o gesto e o interesse essenciais da Evolução hominizada. (...)

No Mundo, objeto da "Criação", a metafísica clássica nos acostumara a ver uma espécie de produção extrínseca, proveniente, por ilimitada benevolência, da suprema eficiência de Deus. Inexoravelmente - e justamente para poder ao mesmo tempo agir plenamente e plenamente amar -, sou levado a ver aí, agora (em conformidade com o espírito de São Paulo), um misterioso produto de completude e de realização para o próprio Ser Absoluto. Não mais o *Ser participado de extraposição e de divergência* mas o *Ser participado de pleromização e de convergência*. Efeito não mais de Causalidade, mas de União, criadora! (T. XIII, pp. 64-6)